

**REFLEXO ESPELHADO, RETRATO GUARDADO: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE
UM MANICACA, DE ABDIAS NEVES**

**MIRROR REFLECTION, GUARDED PORTRAIT: SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF
UM MANICACA, OF ABDIAS NEVES**

Regilane Barbosa Maceno (SEMED – Codó/MA)¹

Resumo: Este artigo pretende analisar a relação entre a literatura e a história na medida em que esses dois campos de estudo se unem para dar vida à produção literária. A partir da Teoria Sociológica, analisar-se-á o romance “Um manicaca”, de Abdias Neves, buscando compreender os aspectos sociais que concorrem para a construção da obra.

Palavras-Chave: Literatura. Sociedade. Um manicaca.

Abstract: *This article intends to analyze the relationship between literature and history as these two fields of study unite to give life to literary production. From the Sociological Theory, the novel "Um manicaca" by Abdias Neves will be analyzed, seeking to understand the social aspects that contribute to the construction of the work.*

Keywords: *Literature. Society. Um manicaca.*

Introdução

Em crítica literária, vários são as teorias utilizadas para analisar uma obra: Estruturalismo, Formalismo Russo, New Criticism, Teoria Sociológica, Teoria Feminista, Estética da Recepção e a Crítica Textual.

¹ Mestra em Letras pela UESPI. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Codó-MA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro (NEPA) da Universidade Estadual do Piauí. E-mail: regilane.maceno@hotmail.com

Neste *paper*, tomaremos como referência a Teoria Sociológica, ancorando-nos, principalmente nos pressupostos teóricos formulados por Antonio Cândido, especialmente através do livro *Literatura e Sociedade*. Tomaremos como objeto de estudo o romance *Um manicaca*, de Abdias Neves.

Apesar de a literatura ter sido considerada por muito tempo como um artifício criado a partir dos elementos fantasiosos, da imaginação do escritor e que não possuía as condições necessárias de verdade e legitimidade para servir como fonte de explicação da realidade na qual está inserida, ou sobre a qual se referia, percebe-se que a produção literária possui um forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições socioculturais onde está é construída.

Para Antonio Cândido (2000), há uma relação de troca de influência entre obra e a sociedade, ou seja, a produção da obra literária está associada ao seu tempo, refletindo em suas narrativas angústias e sonhos de atores sociais contemporâneos à sua criação e mesclando elementos de ficção e das plausíveis realidades existentes no momento da criação literária, sendo possível perceber, inclusive, o registro dos aspectos sociais como vestimentas, costume da época, linguagem entre outros, na tessitura da obra. Cabe ao crítico identificar e apontar a importância desse fato para o estudo do texto analisado.

Dessa forma, a obra de ficção trabalha com ações sonhadas, com sentimentos compartilhados, com intermediação entre o real e as aspirações coletivas. A obra literária constitui-se parte do mundo, das criações humanas, e transfigurando-se em narrativa de um determinado contexto histórico-social. A relação entre literatura e sociedade é explicada por SAMUEL (2001).

[...] como parte da sociedade, a literatura está imanente à realidade (está nela). Mas como ficção, como imaginação, ela transpõe essa imanência, criando outra realidade possível para opor à realidade concreta. Essa oposição é uma negação da realidade, para opor ao que existe como nova realidade possível. A literatura como ficção é quase autônoma da realidade. Ela denuncia a realidade de fora (através de forma, tanto quanto através do conteúdo, pois é forma que expressa o conteúdo). A literatura “desrealiza” a realidade, para quebrar o monopólio da realidade em definir e questionar o que é real [...]

Cândido (2000) chama atenção para não se confundir análise sociológica com identificação dos aspectos superficiais de determinado grupo e época: vestuários, festas, modas, usos. Deve-se, pois, considerar que toda produção literária, guarda em seu bojo aspectos, características e relações socioculturais do universo em que é produzida. Assim, objetiva-se neste paper verificar se na forma do romance em análise há correlação com os fatores sociais predominantes na época de sua produção. Em caso positivo, qual importância deste fator para a compreensão do texto. Se negativo, a que outros aspectos presentes no romance o crítico pode recorrer para realizar sua análise?

Ainda segundo Cândido, uma falha recorrente na crítica sociológica é prender-se em excesso aos aspectos sociais, ignorando os elementos estéticos, psicológicos e linguísticos, também importante para entendimento do texto.

Ares sociais

Publicado em 1909, embora escrito entre os anos de 1901 e 1902, *Um manicaca* é uma das primeiras expressões do romance de costumes piauiense.

Manicaca era um termo utilizado em Teresina, no final do século XIX e início do século XX, para designar os homens controlados pela mulher. [...] *Manicaca é o que é dirigido pela noiva, é o marido governado pela mulher* (NEVES, p. 24). Como se percebe, no próprio título da obra já é possível identificar aspectos da sociedade transfigurada no romance, ou seja, Teresina, capital do Piauí, quando da sua formação. O trecho a seguir localiza o leitor nesse espaço-tempo.

As casas alvadias, alinhadas, semelhantes, tinham a aparência maravilhosa de monumentos talhados em blocos de mármore. E, olhada a distância, a cidade surgia da sombra dos arvoredos tão bonita, regular e bem feita, qual se um aquarelista a criara para um concurso de panoramas. (NEVES, p. 22)

A jovem capital é retratada com riqueza de detalhes a partir dos hábitos e costumes do povo, das festas religiosas, dos botequins *onde a fina flor do ‘demi-monde’ se reunia em ceias e patuscadas ruidosas que escandalizavam os pretensos*

burgueses da terra (NEVES, p. 23). Vista nos caracteres humanos que davam vida à cidade ainda desumana, impregnada de religiosidade simples, submissa a tabu de vários tipos, vivendo do pequeno comércio, deliciando-se com a intriga e o mexerico e, sem energia elétrica, “o acendedor dos lampiões passou, correndo, pela rua, levando a escadinha no ombro” (*idem*, p. 21).

Aqui se tem, segundo Candido (2000), o externo (no caso, o social) importando, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura da obra, tornando-se assim, elemento interno.

Como citado, o romance em análise foi lançado em 1909. Neste período, Teresina despontava como cidade. Segundo Santos (2009, p. 93).

Em termos de infra-estrutura, Teresina era bastante carente nas primeiras décadas do século XX. Não dispunha de qualquer saneamento urbano. Havia uma ausência de água tratada e canalizada, transporte público, luz elétrica, esgoto e calçamento. Isso tudo demonstra que no princípio de sua fundação, Teresina era nada menos do que um pedaço de cidade às margens do Rio Parnaíba.

A literatura passa então a fornecer uma versão da “história real” pelos olhos de um observador privilegiado – o escritor, que mesmo quando não possui o objetivo explícito de “fazer história” com sua obra, acaba por fornecer uma junção de elementos e características capaz de “dizer a história” em que se insere.

Em *Um manicaca*, Abdias Neves recria

A cidade de personagens, de nomes, onde história e memória ainda se encontram. Cidade construída no labor do trabalho e no lavrar de fantasia e de sonho, produtos de um ideal que se fez concreto no esforço catalisador do desejo de muitos e coragens de alguns [...] (QUEIROZ, p. 171).

Em várias passagens, o narrador descreve os costumes teresinenses sempre demonstrando um caráter crítico, típico dos escritores naturalistas. O hábito de manter pequenos pomares nos quintais, ou ainda a construção de estábulos, de depósitos nos fundos das casas, servia para encontros entre amantes audaciosos. A preparação para as “surpresas” quando era aniversário de uma moça, a cena que se

via era “*as moças, em pessoa varriam, escovavam, espanavam tudo, muito suadas, as mangas arregaçadas, um pano amarrado à cabeça.*” (NEVES, p. 43). Segundo Freitas (1986), aspectos reais transfigurados para o romance que podem ser atestados em maior ou menor grau por fontes documentais.

Notamos, então, que a ficção não é sinônimo de mentira, de falsificação, de fraude. Em vez de falsificar, ela alarga e potencializa a visão do mundo. Em vez de mentir, ela inventa novas maneiras de dizer as coisas do real, ou seja, é possível “desrealizar” a realidade para melhor se reconhecer nela.

Nesse romance, vivem e agem personagens imaginários, que têm uma vida paralela, inventada pelo autor. (FREITAS, p. 10). A literatura é campo fértil para dar vazão aos anseios mais íntimos dos sujeitos que, dessa forma, ampliam a dinâmica social vivida, pois no mundo imaginário da literatura aquilo que está escrito é ou pode ser verdadeiro.

A verdade da ficção literária não está, pois, em revelar a existência real de personagens e fatos narrados, mas em possibilitar a leitura das questões em jogo numa temporalidade dada [...] O texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção. (PESAVENTO, 2006).

Um romance com função total

A Teoria Sociológica entende a obra literária como produto de uma sociedade, influenciando-a e sendo influenciada por ela. Neste sentido, a obra pode ter função ideológica, social e total. Sobre esta última, assim escreveu Cândido (2000)

A função total [...] exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, [...] [...] a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporalidade, universalidade, e estas dependem, por sua vez, da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. [...] Daí o encanto e a emoção que as lendas e

canções primitivas despertam em nós, mesmo precariamente traduzidas e arrancadas do contexto.

Em *Um manicaca* há predominância da função total, vez que fica claro, pela leitura da narrativa, que não há intenção de propagar uma ideologia nem registrar um aspecto de interesse de um grupo em particular. Ao contrário, o enredo apresentado por Abdias Neves apresenta facetas do ser humano que, por serem humanas e trabalhadas de forma articuladas, serão captadas por qualquer pessoa, independente de tempo ou lugar: os mexericos, as intrigas, o falso pudor, a religiosidade de aparências, a superstição, o adultério, a discriminação social, a bajulação para com os mais afortunados, a hipocrisia social, a ironia, enfim, comportamentos humanos que sempre permeou as relações humanas e foram representados em obras literárias.

Embora as indicações de espaço e tempo sejam feitas no romance de forma explícita. “*Ao meio-dia, quando se anunciou o almoço*” (NEVES, p.131), ou “*O Piauí será sempre o Piauí*” (*idem*, p.139), é possível ao leitor, não somente o teresinense, se reconhecer na realidade retratada na obra.

Cândido (2000) enumera seis modalidades de estudos do tipo sociológico no campo literário, oscilando entre a sociologia, a história e a crítica de conteúdo. Segundo ele, “em todas, nota-se o deslocamento da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade”.

Assim, o romance *Um manicaca* oferece pano de fundo para uma análise política, investigação hipotética das origens, posição social do escritor, considerando que Abdias Neves teria se autoprojeto no romance por meio do personagem Dr. Praxedes, relacionamento do conjunto de uma literatura, pois figura como um dos primeiros no cenário piauiense, análise de cunho estritamente sociológico (relação entre a obra e o público) e, finalmente é possível verificar a medida que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo seus vários aspectos. Isso mostra a riqueza de *Um manicaca* não só como um documento histórico, escrito de teresinense para teresinense, com seu vocabulário e costumes esquecidos, mas como obra literária que cobra e merece o reconhecimento que lhe é de direito.

Uma obra de agregação

Cândido (2000) afirma que do ponto de vista sociológico, a arte pode ser de agregação – quando se mantém fiel ao sistema simbólico vigente e aos recursos expressivos – e de segregação. Está, “[...] Se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e para isto, dirige-se a um número, ao menos inicialmente, reduzido de receptores, que se destacam na sociedade”. Para ele, a integração ou arte de agregação é o conjunto de fatores utilizados para acentuar no indivíduo ou grupo a participação nos valores comuns da sociedade

A obra *Um manicaca*, apresentando um enredo muito comum, não ficou à margem da sociedade vista como um palco de luta pela sobrevivência que marcou o meado final do século XIX. Criou-se um contexto acentuadamente cientificista em que ganham espaço a experimentação, a observação, a pesquisa, a busca objetiva da verdade, enfim, uma atitude racional diante da vida.

Por carregar as marcas dessa corrente de pensamento, os “ismos”, por não quebrar o “*horizonte de expectativa*” do leitor, o romance em análise é classificado como arte de agregação, por isso, qualquer leitor verá no enredo aspectos normais dos romances inserido no Realismo/Naturalismo. O conjunto de características do romance está pautado dentro do movimento literário no qual ele está inserido.

Uma obra Naturalista

O século XIX é marcado por grandes transformações econômicas e culturais, como supracitado. Há, também, uma nova filosofia de vida, a qual é dita cética e materialista. Essa nova filosofia põe em evidência o fato de o homem ser um produto do meio e do momento em que vive. Com o progresso da ciência, os homens passam a indagar sobre as razões dos fenômenos; não são mais impassíveis diante dos acontecimentos. A cultura será enriquecida pelo surgimento de grandes pensadores e algumas doutrinas marcantes: A Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin, mostrou que o homem não era nada divino, mas inteiramente animal. É

nesta panorâmica que surge o Realismo/Naturalismo, cujo objetivo era o combate às várias manifestações sentimentais do romantismo.

Perceptivelmente influenciado por Eça de Queiroz, Abdias Neves cria o triângulo amoroso entre Julia, Antonio de Araújo e Luís Borges, bem próximo ao que ocorre em *O Primo Basílio*. A criação dessas personagens denuncia e acentua o compromisso da obra, que deve funcionar como arma de combate social.

Os escritores realistas-naturalistas consideravam possível representar artisticamente os problemas concretos de seu tempo, sem preconceito ou convenção. E renovaram a arte ao focalizarem o cotidiano, desprezado pelas correntes estéticas anteriores. Daí os personagens de romances realistas-naturalistas estarem muito próximos das pessoas comuns, com seus problemas do dia a dia, com suas vidas medianas, cujas atitudes devem ter sempre explicações lógicas ou científicas.

A linguagem é outra preocupação importante: ela deve se aproximar do texto informativo, ser simples, utilizar-se de imagens denotativas e as construções sintáticas devem obedecer à ordem direta. O romance em análise traz marcas gritantes, uma vez que apresenta o coloquial como esteio em sua tessitura.

A *serenataria*, sempre, aproximando-se. Já se distinguia o converseiro dos que a seguiam, bebendo, correndo, empurrando portas, descompondo-se, aplaudindo. [...]

- Dá a garrafa pro Antonio pra *consertar* a goela!

- Aí, 'seu mano'! Quase acabava! (NEVES, p. 162)

Os personagens típicos permitem estabelecer relações críticas entre o texto e a realidade em que ele se insere: isto é, embora os personagens sejam seres ficcionais, individuais, passam a representar comportamentos e a ter reações típicas de uma determinada realidade. A maioria das personagens de *Um manicaca*, assim como de *O Primo Basílio*, podem ser consideradas o protótipo da futilidade, da ociosidade daquela sociedade.

O caso de Júlia e Araújo, cujo casamento nascia da imposição paterna e não dos desejos e sentimentos dos cônjuges, e onde a diferença de idade, de mais de dezesseis anos, se impunha como outro empecilho é apresentado como uma

relação doentia, viciosa, fadada à infelicidade e à infidelidade conjugal. Araújo torna-se “*manicaca*”. Ressalte-se que, inicialmente, a intenção de Araújo era de interesses outros que não o amor, como se vê no trecho, quando o pai de Júlia lhe informa as intenções de casá-lo com a filha:

Interpelado meditava. Sorria-lhe a perspectiva de possuir aquele belo corpo e, mais ainda, a herança. Com certeza, pensava, há um segredo que não me revelam. Mas, ora, que Diabos! Quem não arrisca nem perde e nem ganha. E por aquele preço, valia bem um sacrifíciozinho. E depois, quem sabia? Talvez fosse tudo maluquice do sócio. Arriscava. Se se desse mal, era questão de sorte. (NEVES, p.40)

Não era questão de sorte, “*Araújo apaixonava-se pela mulher e deixava-se levar pelo mais insignificante de seus desejos*” (NEVES, p. 41). A esposa apenas “*cedia-lhe o corpo, aceitava-lhe os beijos, porque sua carne moça e forte sentia necessidades inadiáveis*” (*idem*, p.87).

Abrindo parêntese, essa forma naturalista de narrar ainda persiste na escrita contemporânea. Como exemplificação, tem-se o triângulo amoroso criado por Duca Rachid e Telma Guedes na obra *Joia Rara* (2013). Formado por Ernest Hauser, Iolanda e Raimundo (Mundo), mostram que o casamento pautado em interesse financeiro está determinado à infelicidade. Mesmo apaixonada por Mundo, Iolanda é comprada, como objeto de *momânia* de Ernest Hauser e obrigada a casar-se com ele, cuja diferença de idade também é muito grande. Obviamente, a infidelidade de Iolanda é previsível. Ela passa a manter um relacionamento extraconjugal com Mundo. Isso está determinado.

Em contrapartida, o patriarcalismo é mostrado em *Um manicaca* na figura do casal Praxedes e Mundoca como modelo perfeito de equilíbrio social. Não há imposição familiar para o início da relação, nem obrigatoriedade, porém os dois fazem escolhas totalmente compatíveis para os seus grupos familiares. Para a família de Mundoca, a filha casava muito bem, com um rapaz de boa família, de boa formação, capaz de sustentar a moça e de trazer prestígio social à família. Já para a família de Praxedes, Mundoca era mulher reservada, serena, boa filha, obediente, capaz de tornar-se boa esposa e mãe exemplar. Além disso, era filha de um rico

comerciante, bem situado na cidade, o que a tornava uma mulher ideal para ser a esposa de um bacharel.

A narrativa estava ambientada num tempo contemporâneo ao do autor. Com isso, a crítica social fica mais próxima e mais concreta. Nesse sentido, a literatura ganha um papel de denunciadora do que há de mau na sociedade como a inveja, os burburinhos, frutos da ociosidade do povo. É o que se observa por ocasião do casamento de Praxedes e Mundoca: *"Qual! É arranjado! Se dissessem que ela é bonita, educada... Uma bicha que não sabe nem ao menos caminhar... matuta."* (NEVES, p. 107).

Outro aspecto dessa obra é o detalhismo, o dessecamento com que é enfocada a realidade, fato explicável pela proximidade, como se vê no trecho.

Manhã cedo, apareciam, nas calçadas, criancinhas expostas, envolta em sujos farrapos, - umas hirtas, com a pele arroxeadas, olhos azuis, que a morte deixara abertos, volvidos para o céu na ânsia do supremo desespero; outras vivas, ainda, esvaindo-se num choro doentio, baixinho, agitando no ar os braços esqueléticos (NEVES, p. 33)

Ao contrário dos românticos, que privilegiaram a descrição, os realistas-naturalistas deram ênfase à narração do fato: o que acontece e por que acontece são as preocupações desses escritores. Voltavam suas críticas, sobretudo, contra a Igreja, que apontam como defensora de ideologias ultrapassadas e combatem a burguesia, que encarnam o *status* romântico em geral. Este anticlericalismo é percebido principalmente pelas personagens Candoca que *"não perde um sermão, uma novena, uma missa"* e D. Eufrasina que, por não ser acordada para a missa de madrugada faz *"um escândalo de chamar à porta os vizinhos logo antes do café"*.

Zoomorificação do homem é outro aspecto relevante dentro da escrita realista-naturalista. Em *Um manicaca*, Júlia aparece totalmente delimitada pelos fatores biológicos uma vez que,

[...] Cedia-lhe o corpo, aceitava-lhe os beijos, porque sua carne moça e forte sentia necessidade inadiáveis e imperiosas. Tinha, às vezes, arrancos entusiasmos que não eram fingidos, ocasiões em que tomava nos braços e apertava-o como doida. Por muito tempo prendia-o, afogava-o, quase, em ímpetos medonhos que a

transformavam duplicando-lhe as forças. [...] Nesses momentos de excitação, se Araújo não a satisfizesse, entregar-se-ia aos afagos, às carícias do primeiro indivíduo que passasse e quisesse gozá-la. Exigia, apenas, que ele fosse forte e sadio, que pudesse-lhe dar à saciedade, o prazer com todos os requintes possíveis. (NEVES, p. 86)

No trecho acima, a personagem aparece como um animal no cio, incapaz de perceber os “limites” convencionados de convivência humana. É como se o ser humano fosse destituído de liberdade de decidir e de influir nos fenômenos em que toma parte.

À guisa de conclusão

A utilização da Teoria Sociológica na análise do romance *Um manicaca* permitiu fazer um cotejamento entre sua estrutura e a estrutura social, buscando identificar pontos de contatos entre elas. O estudo mostrou que a obra foi escrita de forma tal que permitiu, através do universo da ficção, retratar a sociedade teresinense do final do século XIX e início do século XX, tornando-a uma obra representativa.

Além de observar a influência da sociedade na tessitura da narrativa, foi possível perceber que *Um manicaca* é uma obra de função total, por expressar aspectos que transcendem o local e o imediato, podendo ser lido e valorizado enquanto arte em qualquer tempo, em qualquer parte da Terra, por transfigurar comportamentos humanos tão perenes. É também uma obra de agregação, por não romper com o sistema simbólico vigente de sua época: Realismo/Naturalismo.

Assim, tem-se a certeza da riqueza de *Um manicaca*, não só como um documento histórico, escrito de teresinense para teresinense, com seu léxico e modos esquecidos, mas como obra literária que cobra e merece o reconhecimento que lhe é de direito.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. Ed. São Paulo, T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. –(Grandes nomes do pensamento brasileiro)

FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux**. 1 ed. São Paulo: Atual, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em 26 de agosto de 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.

SAMUEL, Roger (Org). **Manual de teoria literária**. 14 ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

SANTOS, Gersávio. **História do Piauí**. Teresina: Halley/Zodiáco, 2009.

NEVES, Abdias. **Um manicaca**. Teresina: Corisco, 2000.